

# Cartografias da Cidade Fantasma

## Canudos, 120 Anos da Guerra do Fim do Mundo

### Ghost Town Cartographs

## Canudos, 120 Years of the End of the World War

Claudio Cledson Novaes<sup>1</sup>

*Submetido em 1º e aprovado em 17 de novembro de 2017.*

**Resumo:** Neste artigo, discutimos a problemática do urbano versus rural no Brasil em narrativas do ciclo canudiano, partindo do olhar paradoxal de Euclides da Cunha sobre a Guerra de Canudos, em *Os Sertões*. Demarcamos, após 120 anos do trágico do conflito, as concepções de cidade moderna e liberal positivista em contraponto com dispositivos da anti-cidade, conceito aqui articulado para a leitura das imagens de resistências dos vencidos, como aquelas dos ressurgimentos simbólicos do arraial destruído pela guerra, pelo fogo e pelas águas. A cartografia crítica do vilarejo sertanejo denominado pelos conselheiristas de Belo Monte é o contraponto ao modelo violento da *polis* na atualidade, considerando que o fantasma canudiano ainda assusta como espelho dos enfrentamentos cotidianos nas periferias das cidades contemporâneas brasileiras.

**Palavras-chave:** Polis. Anti-Cidade. Canudos. Belo Monte. Euclides da Cunha. Antônio Conselheiro.

**Abstract:** This article discusses the urban versus rural problematics in Brazil in narratives of the Canudian cycle, starting from the paradoxical look of Euclides da Cunha on the Canudos War in *Os Sertões*. A hundred and twenty years after the tragic conflict, we have demarcated the conceptions of a modern and liberal positivist city as counterpoint to anti-city devices, a concept here articulated to read the resistance images of the defeated, such as those of the symbolic resurgences of the village destroyed by war, fire and waters. The critical cartography of the sertanejo village denominated by Belo Monte councilmen is the counterpoint to the violent model of the *polis* today, considering that the Canudian ghost still frightens as a mirror of the daily confrontations in the peripheries of contemporary Brazilian cities.

**Keywords:** Polis. Anti City. Canudos. Belo Monte. Euclides da Cunha. Antônio Conselheiro.

Em 2017, a Guerra de Canudos completa 120 anos do seu final trágico, com a destruição da cidadela dos sertanejos pelo exército brasileiro. As imagens fantasmagóricas

da guerra permanecem no imaginário popular e nas imagens das literaturas e filmes nacionais do ciclo canadiano, que continuam a narrar este acontecimento obscuro como dispositivo para cartografar sua contemporaneidade. Pois, como define Giorgio Agamben, “o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de coloca-lo em relação outros tempos, de nele ler de modo inédito a história” (AGAMBEN, 2009, p. 72).



Ilustração de Canudos à época da guerra. Fonte: Internet

A história da Guerra de Canudos é sempre lida de modo inédito, quando a relação de temporalidades fragmentadas entre o passado, o presente e o futuro é experimentada nas narrativas do ciclo canadiano. São evidenciados os fantasmas do vilarejo reconstituído imaginariamente e reconstruído urbanisticamente a partir das ruínas das vilas devastadas. Neste sentido, Canudos assume a tipologia de *Cidade invisíveis*, de Italo Calvino, como aquela chamada Otávia, das Cidades Delgadas, que: “Suspensa sobre o abismo, a vida dos habitantes de Otávia é menos incerta que a de outras cidades. Sabem que a rede não resistirá mais que isso” (CALVINO, 1991, p. 71).

A imagem fantasmagórica de Canudos é um abismo permanente da memória popular engolindo a nação republicana que a destruiu com seus exércitos, trucidando a quase totalidade dos 25 mil habitantes da vila rebelde à época da guerra. Um povoamento que surgiu no século XVIII, em torno de uma fazenda abandonada, que será ocupada e

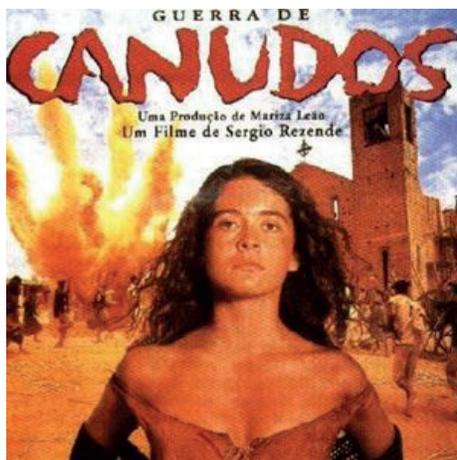
sediará no final do século XIX o projeto messiânico da cidade de Belo Monte de Antônio Conselheiro. Considerando a população à época da guerra, Canudos é a segunda maior população “urbana” do Estado da Bahia, menor apenas do que a capital, Salvador, mas uma cidadela desaparecida que ressurgiu como fantasma, paradoxalmente por suas imagens de resistências representarem a arquitetura real e simbólica do modelo de anti-cidade, em relação ao ideal da polis republicana.

Canudos foi duas vezes destruída: a primeira, Belo Monte, em 1897, pelo fogo do exército nacional; e a segunda inundada pelas águas do açude Cocorobó, em 1969, construído pelo governo militar da época. Canudos atual é a terceira, que foi denominada de Vilarejo de Cocorobó, mas como ressurgiu de ruínas da cidade inundada foi rebatizada com o mesmo nome do antigo povoamento, e, em 1985, este terceiro povoamento passa à categoria de município baiano.

Fechemos este livro.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até ao esgotamento completo (...) Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos (...) Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerremo-la vacilante e sem brilhos (CUNHA, 1985, p. 571)

Este fragmento sintetiza a tensão retórica da poética trágica com a qual Euclides da Cunha descreve a cidade de Canudos nos capítulos finais da luta, em *Os sertões*. A imagem problematiza a noção de modernidade com a convocação aos leitores para o fechamento do livro e o encerramento de uma narrativa que não haveria como ser narrada sem falhas. A impotência declarada pelo narrador abre para a potência do devir fantasma da destruição da Cidade. As confrontações simbólicas das destruições por fogo e água com os seus ressurgimentos fantasmagóricos, até assumir a categoria de cidade planejada arquitetonicamente atual não apagam os vestígios do vilarejo erguido fora da ordem. O mapeamento das imagens literárias e cinematográficas de Canudos mostra a cartografia de uma cidade singular que apresenta a dinâmica do imaginário rural nos traçados das suas vielas, como síntese da realidade urbana brasileira contemporânea mostrada nas favelas encravadas nas grandes cidades do país.



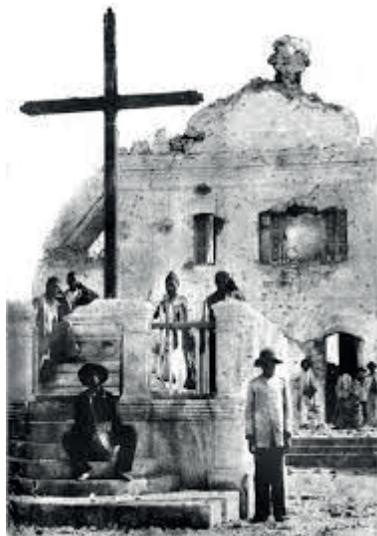
Cartaz do Filme *Guerra de Canudos*. Fonte: Internet

Como já dissemos (NOVAES, 2015, p. 56), esta necessidade de uso da força por exército que altera a lógica da guerra, para conter pela destruição total o poder fantasmagórico de Canudos, é resultado do temor contrário aos desvios da nacionalidade. Diante do fenômeno Euclides justifica esta destruição, ao mesmo tempo em que a consagração da vitória e podia ser um erro e a derrota o cerne de um novo imaginário, pois segundo o narrador: “Ademais entalhava-se o cerne de uma nacionalidade. Atacava-se a fundo a rocha viva da nossa raça. Vinha de molde a dinamite... era uma consagração” (CUNHA, 1985, p. 558).

A anti-cidade representada por Canudos é, portanto, a fratura do ideal republicado da *polis*. A narrativa canudiana a sintetiza na imagem paradoxal da *Tróia da Palha*, que espelha a formação dualista da identidade cultural brasileira. Por outro lado, é necessário contrapor ao racionalismo moderno de *Os sertões* as definições da Vila do Belo Monte como lugar da redenção, como pregava Antonio Conselheiro, o fundador da cidade real e réplica imaginária da cidade celeste. O conceito sagrado ecoava entre os canudenses e Canudos era a redenção na terra em contraponto com a perdição de todo o resto do mundo. Walnice Nogueira Galvão, ao analisar as cartas dos canudenses escritas durante a guerra, sintetiza esta dimensão da viva simbólica do arraial redimido na morte, com a seguinte conclusão:

Em suma: não há afirmação de juízo final explícito em nenhum momento, embora contemporâneo afirmassem que o Conselheiro pregava anunciando o fim do mundo – de novo, a não ser nas profecias e nos versos. As cartas de canudenses convocando reforços falam apenas na guerra que se avizinha, aduzindo que é a última oportunidade de “morrer com nosso Conselheiro” e assim alcançar a salvação. Mas nessas mesmas cartas, das quais um exemplo é a supracitada de Ezequiel Profeta de Almeida, quando a esperança terrenal ainda imperava, a proposta é de salvar-se em vida porque o resto do mundo, e não Canudos, é que se encontra votado à perdição (GALVÃO, 2001, p. 109).

As narrativas e poéticas do ciclo canudiano nas literaturas e nos cinemas brasileiros tencionam estas visões divididas, tomando as contradições como a linha de força do imaginário híbrido nacional. O hibridismo explode a tensão entre o olhar que define o aglomerado urbano de Canudos como decadente fadado ao fracasso por sua forma irracionalista, como assevera o republicanismo positivista em Euclides da Cunha, e o outro modo de ver a cidade como a rebelde afirmação da fé sebastianista e a elevação epifânica dos devotos moradores, como as prédicas do Conselheiro. A tensão dos discursos sobre a cidade divididos entre a perspectiva da decadência, segundo o pensamento moderno republicano, e a cidade edificante, segundo o aspecto místico da cidade celestial, transforma a cidade real de Canudos em imagem síntese que incomoda a concepção local da lógica de urbanidade letrada moderna.



Ruínas da Igreja Velha do Belo Monte. Foto: Flávio de Barros

O fantasma canadiano das edificações populares se infiltra no imaginário contemporâneo de cidades de todos os portes no Brasil. Elas são engendradas em suas arquiteturas modernas pelos aspectos rurais canadianos, contrapondo ao modelo da ordem e do progresso republicanos o anti- modelo arquitetônico excluído do ordenamento oficial. O mapeamento contemporâneo representa esta realidade numa relação ao mesmo tempo diacrônica e sincrônica de temporalidade, aproximando espaços que foram contrapostos, pois são eles que formam o imaginário urbano nacional. Antonio Risério, em *Cidade no Brasil*, abre o capítulo denominado Sertão, Cidade, Segregação com uma afirmação que explicita este contraponto na história da formação da cidade brasileira. Segundo ele:

Há dois tipos básicos de crítica à cidade e à vida urbana. Uma é a crítica constrastiva. Outra é a crítica objetal. No primeiro caso, constrasta-se a cidade com o mundo extracitadino. Com a vida no campo. Nas lonjuras do sertão. Numa aldeia de pescadores perdida na luminosidade praieira, ou sob as estrelas. No segundo caso, discute-se a cidade em si. Tanto numa visão panorâmica, quanto em *close reading*. Se comparação houver, não será externa. É a cidade confrontada consigo mesma. Sincronicamente, com relação a outras cidades. Diacronicamente, com relação a seu próprio passado ou a cidades do passado. Ou, ainda, com referência a um modelo ideal de cidade, supostamente situado fora da ordem histórica (RISÉRIO, 2013, p.173).

Antecedendo de alguns anos a fúria demolidora arquitetônica da *belle époque* modernista, que botou abaixo as cidades antigas para o embelezamento das modernas vias urbanas, o contraponto de Canudos é a lógica guerreira de suas ruas tortas e “feias”, para que o urbano sirva de aproximação entre os habitantes, ao invés de segregá-los, assim como para encorpar e encorajar as multidões no combate, ao invés de isolar a população à mercê da invasão dos soldados republicanos. No contexto da escrita de *Os sertões*, do final do século XIX ao início do século XX, segundo Antonio Risério, “Euclides se faria marco e farol para uma legião de brasileiros de formação científica, imbuídos do propósito de transformação construtiva do país” (RISÉRIO, 2013, p. 193); conforme Risério, começa nesta época o aprofundamento do processo de segregação socioespecial na vida das cidades brasileiras.

Angel Rama, em *A Cidade das Letras*, ao afirmar na sua tese sobre a fundação das cidades americanas a lógica dos seus ordenamentos intelectuais, nos mostra que é imperativo a leitura do imaginário fantasmagórico de Canudos pelo crivo do contraponto entre a cidade orgânica medieval e a concepção moderna da cidade racional. Para Angel Rama, os conquistadores aportaram nos territórios americanos com o sonho da ordem barroca hierarquizada e, segundo ele: “a cidade foi o mais precioso ponto de inserção na realidade desta configuração cultural e nos deparou com um modelo de duração secular” (RAMA, 1985, p. 24), e ainda: “a América foi a primeira realização material desses sonhos e, seu lugar, central na edificação capitalista” (idem). Os sonhos da urbanização para superar a memória medieval das cidades ocidentais focalizam a América; primeiro no plano das representações simbólicas, para depois ocorrerem suas aparições reais, pois, como diz Rama: “a ordem deve ficar estabelecida antes de que a cidade exista, para impedir assim toda futura desordem” (idem).

O mapeamento da construção do imaginário de Canudos e da guerra para a sua destruição parece ser exatamente o distanciamento entre o discurso ordenado da cidade letrada e a desordem da cidade orgânica. Para Angel Rama:

Euclides da Cunha, que pensava da mesma maneira que Samiento, começou a duvidar dessas premissas civilizadoras quando presenciou a carnificina da guerra no sertão de Canudos o relatou de forma pessimista em *Os sertões* (1902). O reverso da

modernização capitaneada pelas cidades se havia mostrado nua e não era agradável (RAMA, 1985, p. 37).

Os reveses da modernização capitalista na América via o discurso da cidade moderna letrada, para Angel Rama representa os contrapontos ao urbano na evolução sincrônica dos estágios de tensão entre o orgânico e o racional. Partindo da “cidade ordenada” colonial, até chegar a “cidade revolucionada”, no final do século XIX e início do século XX, ele conclui que a longa caminhada da cidade americana nos cinco séculos, é crivada por problemas da concepção letrada para uma cidade ordenada, muito destes impasses se assemelham aos fantasmas canadinos sobre a concepção moderna da *polis*. Para ele, o período de modernização travestido de liberalismo, mas apoiado num intenso sistema repressivo, teve efeitos drásticos sobre as regiões rurais e as cidades.

A condição fantasmagórica de Canudos encarna duas sequelas dramáticas desta modernização repressiva liberal, primeiro a trágica maneira de “civilizar” o sertanejo rural isolado da modernização; o segundo, o conflito revela que a cidadela com a segunda maior população urbana do Estado da Bahia, diferente dos centros urbanos “civilizados”, oferecia aos seus habitantes o conforto metafísico religioso protagonizado pelas prédicas do conselheiro, mas também uma proteção real traduzida nos espaços físicos das igrejas solidamente edificadas, e ainda a redenção das estruturas básicas de subsistência alimentar, segurança pública e de comércio de bens de consumo, conforme se sabe hoje, através dos estudos históricos sobre a organização econômica e social da comunidade canudiana.

O paradoxal precário conforto dos sertanejos de Canudos é mais sólido do que o calvário da migração de outros personagens do ciclo regionalista sertanejo, como descreve o poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral, o périplo do migrante sertanejo em direção à cidade do litoral em imagens que traduzem a queda e o abandono, vislumbrando a redenção na *urbis*: “antes de sair de casa / aprendi a ladainha / das vilas que vou passar / na minha longa descida. / Sei que há muitas vilas grandes / cidades que elas são ditas”. Os versos do poema evidenciam o discurso urbano moderno paradoxal como paradigma da civilização e a arquitetura poética mostra a hierarquia entre as pequenas e “vilas-grandes”, que evidenciam o discurso da anti-cidade representada pelo distanciamento

das pequenas vilas sertanejas que ainda hoje encenam suas memórias como fantasmas da precariedade em contraponto aos modelos cidades modernizadas.

Nesta memória está engendrada a história de um tempo urbano dominante e de uma temporalidade que exila as povoações do interior da nação, estabelecendo as dicotomias como: sertão versus litoral, rural *versus* urbano, barbárie *versus* civilização. Os conceitos reverberam a pretensa objetividade da impotência e da precariedade da vila subalterna versus o modelo dominante da “vila-grande”, mas o mapeamento poético promove a releitura a contrapelo do ciclo canudiano, ao denunciar a precariedade das palavras e das imagens, enunciando outras subjetividades das não cidades.

Os arquétipos clássicos da cidade dominante tem seu modelo na *polis* grega, que se instaura como decisão política e racional ordenada para a criação de valores a serem compartilhados. Isto pode ser traduzido por um ideal, que, segundo Olgária Matos, é “constituído pelos laços de *philia*” (MATOS, 2008, p. 157), e a força desta tradição é a articulação entre a arquitetura e a vida da cidade que deve contemplar em seus aspectos físicos, ruas e monumentos coerência com as disposições éticas traduzidas na beleza física e na estética. Para a pesquisadora, a queda deste ideal na modernidade pode ser constatada nos estudos de Walter Benjamin, ao investigar os sentidos arruinados do mundo quando os arquétipos alegóricos da cidade ideal são apenas memórias nas quais o capitalismo insiste como fetichismo, mas só é capaz de produzir fantasmagorias.

Regina Dalcastagnè, da mesma forma, ao procurar nos traços contemporâneos compor um mapa da cidade na literatura brasileira, insinua também este entre-lugar da *polis* grega e da babel como constructo imaginário das narrativas sobre o urbano e seus gestos vitais da modernidade, que também se revertem em apagamentos da pulsão de vida. Para ela:

Ao sair em busca do espaço urbano mapeado pela narrativa contemporânea, nos deparamos, de algum modo, com o lugar da cidade em nossas vidas e com o não-lugar de muitas vidas em nossas cidades.... Afinal, somos nós que preenchemos os vazios da cidade, nós que a fazemos existir. Somos responsáveis por suas injustiças, por sua violência, sua segregação. Somos culpados pelo que não queremos ver (DALCASTAGNÉ, 2003, p. 50).

A Guerra de Canudos nos convida a ver a cidade devastada, mas também a enxergar os fantasmas das diversas Canudos ressurgidas, duplicadas e replicadas nas cidades-favelas contemporâneas, ativando memórias épicas, líricas e trágicas do discurso da urbanização brasileira na hipérbole da imagem catastrófica de *Os sertões*, como anti-modelo da nacionalidade moderna, que é contraposta com a imagem da alteridade nacional destrocada. Ao perspectivar da cidadela sertaneja pelo dilaceramento da falta e da ausência, as imagens canudianas continuam atormentar as cidades atuais com seus enclaves de comunidades perdedoras, mas que são, ao mesmo tempo, os modelos diferentes de existência que resistem.



Ruínas Atuais da Igreja Velha no Açude do Cocorobó. Fonte: Internet

O anti-modelo perdedor e rejeitado pelo racionalismo clássico é absorvido pelo modernismo brasileiro, como a possibilidade de reinventar a sociabilidade ocidental burguesa nas cidades populares periféricas. As teorias sociais e as estratégias literárias nacionalistas, a partir dos anos 1920, lançam novos olhares sobre a cultura da urbanização ocidental. É simétrica e assimétrica as novas perspectivas de representação do dilaceramento urbano nacional e o traço fantasmagórico da Canudos apresentada por Euclides da Cunha na sua imagem paradoxal da *Tróia de Palha*, que já aponta a seu modo da ideologia positivista e da estética barroca hiperbólica de *Os sertões* a problemática da dicotomia moderna entre sertão e cidade. As estratégias discursivas de Euclides da Cunha estabelece um jogo pela diferença, apesar de buscar a semelhança, o que promove a leitura da identidade nacional pelo prisma da contradição, ensejando uma sutil desconstrução da identidade e explosão de alteridades fissuradas, o que os pensadores modernistas retomam como discussão sobre os imaginários fundadores das cidades modernas híbridas.

Gilberto Freyre diz que a praça venceu o engenho, mas aos poucos e respeitando nos vencidos algumas “virtudes e gabolices inferiores”; esta é a síntese de *Sobrados e mocambos* que mostra como os substratos dos vencidos são vistos como virtudes, ao sabor da linguagem culturalista *avant la lettre* articulador do movimento regionalista. Comparando a síntese freyriana com a de Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, o problema é simétrico, apesar da diferente forma de expressá-lo. O modernista paulista sintetiza a crise desencadeada da substituição do trabalho tradicional pelo industrial no Brasil, como sendo uma das causas as dificuldades para se abolir a velha ordem rural, mesmo nas grandes cidades, onde algumas “famílias retardatárias”, segundo ele, continuam obedientes ao “velho ideal” agrário. Outra síntese na mesma direção é a de Darcy Ribeiro, que identifica o problema da memória agrária na sociedade urbana brasileira a partir da cultura do relativismo entre o irracionalismo e o iluminismo. Ele afirma, em *O povo brasileiro*, que a passagem da cultura arcaica para a moderna, no Brasil, opera diferentes ritmos em todas as regiões. Mesmo as mais progressistas cidades são reduzidas a uma “modernização reflexa”, o que, para ele, não significa a resistência cultural à mudança, porque, os “povos novos” como o brasileiro são todos abertos à transformação.

Os pensadores modernistas problematizam a síntese da cultura urbana brasileira como aspectos conservadores da antítese agrária, retornando ao paradoxo da anti-cidade de Canudos da narrativa de Euclides da Cunha, com uma imagem deslocada entre as teses positivistas do naturalismo e as melodramáticas do romantismo nacional, que passam a inspirar as narrativas sobre os fenômenos híbridos de lirismo, tragédia e épicas nas experiências das anti-cidades sertanejas. *Os sertões* assume este padrão de “farol” do ciclo canadense, sinalizando as contradições modernas crivadas pelo dilema campo x cidade, traduzido por Euclides da Cunha como “desencontros de temporalidades”.

Neste sentido, o problema da cidade como modelo de convivência para a civilização ocidental moderna continua sendo uma demanda contemporânea em todas as regiões, e o problema é a política da urbanização desigual, como afirma Pierre Bourdieu, pois a “região é o que está em jogo como objeto de luta entre os cientistas” (BOURDIEU, 2003, p. 108). Em *Os sertões*, o dilema político do confronto entre regiões é espetacularizado da luta insuflada pelos intelectuais das capitais do sul a norte do país, que queriam se

desvincular da imagem retardatária atribuída aos beatos e jagunços nordestinos, estes lutam em Canudos alheios ao jogo político das regiões, mas defendiam a cidadela sagrada do Conselheiro do ataque da república em nome do progresso. Nas narrativas do ciclo canudiano estas imagens se fixam como paradigmas e símbolos emblemáticos do desencontro no interior da mesma nação, repercutindo a lógica colonial da ocupação urbana dos territórios, que segue as delimitações dos espaços físicos como recortes ideológicos, espelhando as preocupações com segurança, trabalho e a ordem que desde o tempo das disputas pela exploração do território brasileiro conduzia a lógica de civilização. Como diz Muniz Sodré, “os colonizadores tinham perfeita noção da importância da arquitetura/urbanismo na consolidação da conquista dos espaços” (SODRÉ, 2003, p. 31).

Os espaços são minimamente definidos para a interação, porque as políticas públicas seguem do geral até o corpo do indivíduo numa circularidade de poderes entre o privado e o interacional, moldando as segregações nos traçados das ruas, dos parques e das edificações das casas. Canudos é como uma desfiguração deste plano piloto, assumindo nos seus mapas os traçados da memória migrante e nômade dos sertanejos, e atravessando até hoje as narrativas literárias e cinematográficas com suas subversões simbólicas, somente percebidas na (des)leitura da cidade real com os seus fantasmas. A Guerra de Canudos encena as distâncias ideológicas entre a vila de sertanejos e o ideal urbano da república, refletindo nas arquiteturas precárias porém resistentes as ambiguidades do projeto nacional brasileiro representado no discurso moderno liberal de Euclides da Cunha, que sintetiza as contradições ao descrever Canudos como uma “história sombria das cidades batidas, o humílimo vilarejo ia surgir com um traço de trágica originalidade” (CUNHA, 1985, p. 352).

A utopia civilizatória ocidental mimetizada na cidade moderna é desmistificada pelos fantasmas das catástrofes que espreitam as cidades projetadas para serem os centros seguros de poder. Segundo Angel Rama, o modelo de ordenamento de cidade transplantado do imaginário ocidental para a América precede à invenção do território americano, por isso, a “desordem” intelectual latino-americana é a metáfora da tentativa de contenção da cidade desordenada, antes mesmo do seu prévio conhecimento. Os acontecimentos coloniais deslocam a cidade ideal das letras em contraponto com a cidade real erguida num processo de violência, como ideias fora do lugar. Os estereótipos

românticos e naturalistas são subvertidos pelos modernistas com imagens das alteridades marginais das culturas recalçadas pela cidade das letras, antes inalteradas como “mutante vida das coisas dentro de rígidos marcos” (RAMA, 1985, p. 29). Ele diz ainda que a reformulação do pensamento intelectual latino-americano passa a redefinir o papel das novas metrópoles locais no século XX, porque é o momento em que os jovens intelectuais transformam a tradição em ruptura e “assaltam” as capitais tradicionalistas. Para ele, se a cultura popular viva do positivismo não era a cultura rural e sim o folclore conservador dos costumes, os intelectuais modernistas pegam essas tradições folclóricas como forças produtivas já absorvidas dentro do novo acontecer histórico, dando a “vitalidade criativa popular na circunstância de seu ingresso protagônico na história e, progressivamente, na urbanização” (RAMA, 1985, p. 131).

O projeto conservador republicano de Euclides da Cunha se reveste do imaginário urbano ocidental positivista para condenar Canudos como a anti-cidade, mas deixa explodir os fantasmas da epopeia paradoxal da Guerra de Canudos, representando arquiteturas urbanas simbólicas como aquelas das memórias dos viajantes em *As cidades invisíveis*, que quando regressavam das viagens lembravam as histórias como se já as tivessem ouvido de outras formas diferentes, mas com os mesmos personagens, como memória feita de intersecções, acumulações e transformações dos conhecimentos durante a travessia. Assim é a memória fantasmagórica da anti-cidade no ciclo canudiano, pois na Guerra de Canudos se enfrentaram, segundo Euclides da Cunha, o “retrogrado” e o “civilizado” e as narrativas do vencedor e do vencido se embaralham, se interseccionam, se acumulam e se transformam revertendo a lógica positivista de *Os sertões*, pois como diz o narrador, em Canudos, os complexos geográficos e humanos atormentam e “a natureza compraz-se em um jogo de antíteses” (CUNHA, 1985, p. 129).

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo?* e outros ensaios. Trad. Vinicius Nicastro. Chapecó: Argos, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2003.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Edição Crítica Walnice N. Galvão. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DALCASTAGNÉ, Regina. Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, 21, Literatura e Exclusão. Brasília, Janeiro/Junho, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *O Império do Belo Monte – Vida e morte em Canudos*. São Paulo: Editora Perseu Abramos, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MATOS, Olgária. Walter Benjamin: *pólis* grega, metrópoles modernas. In: COUTO, Edvaldo Souza e DAMIÃO, Carla Milani (orgs). *Walter Benjamin – Formas de Percepção Estética na Modernidade*. Salvador: Quarteto Editora, 2008.

MELO NETO, João Cabral de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1991.

NOVAES, Claudio, BESNOSIK, Maria Helena da Rocha e REIS, Mirian Sumica Carneiro (orgs). *Livro, leitura e inclusão social no sertão baiano*. Feira de Santana: Editora UEFS, 2016.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro – a formação e o sentido de Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

RISÉRIO, Antonio. *A cidade no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2013.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade*. Rio de Janeiro/Salvador: Imago/Fundação Cultural da Bahia, 2003.

## Notes

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Letras e Artes/DLA e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/PROGEL, Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil. ccnovaes.uefs@gmail.com